

EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO: EDUCAÇÃO FREIREANA

EDUCATION AS A HUMANIZATION PROCESS: FREIREAN EDUCATION

LA EDUCACIÓN COMO PROCESO DE HUMANIZACIÓN: LA EDUCACIÓN FREIREANA

Bruno Freitas Santos¹

Resumo

O artigo objetiva mostrar a importância da educação e da humanização na formação do sujeito. Para essa pesquisa usamos como metodologia a revisão bibliográfica, que serviu como base para nortear e desenvolver as ideias do trabalho. Os resultados confirmam a real importância de uma educação dirigida à humanização do indivíduo, pois contribui com maior intensidade para a sua efetiva formação. A conclusão do artigo põe em evidência quão desumanizada está a nossa educação e que são necessárias ações e intervenções em prol de uma maior humanização do homem, da escola e da sociedade.

Palavras-chave: Humanização. Consciência. Diálogo.

Abstract

The article aims to demonstrate the importance of education and humanization in favor of subject formation. For this research, we used as bibliographic methodology that served as a basis to guide and develop the ideas of the work. The results verified the real importance of an education through the humanization of subjects, as it contributes with greater intensity to their formation. The conclusion of the article highlights how dehumanized our education is and that actions and interventions are necessary in order to make humanization of man, school and society more human.

Keywords: Humanization. Consciousness. Dialogue.

Resumen

Este artículo pretende demostrar la importancia de la educación y de la humanización en la formación del sujeto. Para este estudio, utilizamos como metodología la revisión bibliográfica, que permitió orientar y desarrollar las ideas del trabajo. Los resultados confirman la real importancia de una educación que tienda a la humanización del individuo, para contribuir de forma más intensa con su formación efectiva. La conclusión del artículo pone en evidencia cuan deshumanizada se encuentra nuestra educación y que se hacen necesarias acciones e intervenciones en favor de la humanización del hombre, de la escuela y de la sociedad.

Palabras-clave: Humanización. Consciencia. Diálogo.

1 Introdução

No cenário educacional há inúmeras discussões acerca da educação humanizada, uma necessidade quando se pretende oferecer uma formação muito mais significativa para nossos alunos. A sua construção é realmente um desafio a ser atingido, principalmente na escola contemporânea, afligida por grande diversidade de problemas e entraves sociais, que necessitam ser sabiamente intervindos e amenizados.

¹ Discente do curso de Mestrado em Educação da Anne Sullivan University. E-mail: brunofreitas2017@outlook.com.br.

Frente a essa situação, se faz necessário um minucioso trabalho de ações ou intervenções nas mais diversas realidades do sistema educacional. Portanto, a intenção deste artigo consiste em comprovar se a ausência de uma educação humanizada traz retrocessos no processo de formação do sujeito; o educar com excelência é sempre um processo de humanização, que precisa receber um olhar prioritário. A base teórica usada é o posicionamento de alguns autores sobre essa importante discussão, como Freire (1996), Chalita (2001) e outros.

Uma das maiores metas na atualidade é construir, passo a passo, uma educação mais humanizada e humanizadora, com maior significado, onde sejam priorizados com rigor os princípios e valores éticos, tão necessários para a formação da sociedade e da cidadania.

O artigo se encontra organizado em um capítulo principal sobre os conceitos de humanização. Expõe a necessidade, dentro do contexto educacional, de uma educação que contemple a plena construção da humanização do sujeito. Seguidamente, o trabalho passeia pelo chamado processo de desumanização, mostrando que a sua existência em nossa sociedade torna os seres humanos mais insensíveis e obviamente menos humanos. Apresenta também uma relação de problemas que impedem a consolidação do ensino humanizado, bem como possíveis soluções, alicerçadas na visão dos teóricos em consideração.

Explana sobre o processo de humanização na construção do sujeito, mostrando alguns benefícios do educar para humanizar e do humanizar para educar. Faz ainda uma reflexão sobre a cultura e a afetividade, dois pontos indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem, e aponta que o processo de humanização do sujeito só acontecerá quando houver uma soma positiva de forças, em prol de um objetivo prioritário, e isso deve partir da família em primeira instância, da escola, da sociedade e dos órgãos que regem a educação em geral.

Nessa importante construção e reconstrução, é imprescindível que haja condições básicas e o auxílio de recursos humanos, financeiros e pedagógicos para que se tenha o alicerce construído para que esse tipo de educação se consolide.

Frente a esse grande desafio, o objetivo é refletir sobre a temática, sobre a aplicação de tais teorias na prática docente, com o fim de amenizar o problema aqui apresentado. Para alcançar esse objetivo, o estudo tem um caráter bibliográfico, em uma aproximação interdisciplinar a diferentes aspectos apontados pelos autores consultados. Como recurso, utilizou-se o levantamento bibliográfico, que lhe dá suporte à temática em pauta; a justificativa do trabalho é o interesse incansável por formas de aquisição de conhecimento que permitam construir indivíduos cada vez mais humanos.

2 Discutindo a temática

Na visão de Freire (1988), a desumanização do sujeito é um grave problema, que requer uma atenção especial no contexto em que estamos inseridos. O autor trata da desumanização como um processo negativo que tem levado o indivíduo à ruína em vários sentidos. Um deles é a sua descaracterização como humano, o que o torna insensível frente a inúmeras situações em que é necessário provar a sua sensibilidade. Para Chalita (2001), a educação está no afeto e, sem sombras de dúvidas, isso é uma grande verdade. Em outra oportunidade, Freire (2002) explica que a humanização é um importante fundamento da vida prática cotidiana. É ainda uma forma de diálogo expressa no formato de encontro amoroso entre os indivíduos; é por meio da humanização que se transformam vidas, ideias e personalidades, ou seja, é a forma de moldar o ser humano, —uma pedra bruta, que pode se tornar uma brilhante, totalmente lapidada —, em parte através do processo de escolarização.

O ato de humanização é necessário para modificar de forma positiva toda e qualquer sociedade. O homem é um ser vivo, com necessidades e potencialidades materiais, com dimensões de identidade e significação. Assim, entende-se que a humanização se resume como um aprendizado real ou um conhecimento cabal necessário a todos (FREIRE, 1996).

O ser humano é definido pela capacidade material de produzir os próprios meios de sobrevivência e a partir de aí construir a cultura e ordenamentos ideológicos da vida e da prática social. Para a sociologia, ele é um ser histórico e ao mesmo tempo social. Dessa forma, percebe-se que o homem não nasce pronto e acabado; todos os aprendizados são constituídos por meio de relações sociais, de causas externas e internas de sua formação, evolução e produção.

Na atualidade os desafios da educação são múltiplos, um deles é implantar um sistema que vise constituir a educação humanizadora. Baseado nisso, Tognetta (2002) lançou uma importante obra intitulada *A educação dos sentimentos e a moralidade infantil*, que traz com grande pertinência essa discussão. De forma simplificada, a educação humanizadora é sinônimo de formar e transformar seres humanos valorizando processos de mudança e suas potencialidades, tornando-os humanos de verdade, com sentimentos, emoções e sensações desenvolvidos, uma vez que — já se tem percebido — muitas pessoas passam pela vida e chegam à velhice vazias de valores humanos, tão imprescindíveis para a convivência em grupos humanos (TOGNETTA, 2002).

Para Braga (2015), as práticas sociais — em especial aquelas realizadas pela via da educação — são capazes de mudar toda uma realidade social. Percebe que o fazer pedagógico

como ato de educar se efetiva por meio de ações e de intervenções claras, objetivas e contínuas. Propiciar uma educação autêntica, capaz de promover a dignidade das pessoas de forma que vivam humanamente, é um grande desafio, que requer um conjunto de ações e de intervenções bem estruturadas e planejadas.

Segundo Rabaglio (2008, p. 9), educação é gestão e gestão é o ato de gerir, de administrar algo, alguém ou uma equipe. A escola é uma instituição formadora de opiniões e de pessoas, assim o ato de educar torna-se um projeto grandioso de “aprender a ser gente”, aprender a ser um ser humano. Daí, surge um dos objetivos do processo de escolarização. Por outro lado, percebe-se que nem sempre esse objetivo é alcançado com êxito, pois o índice de violência estampado nas estatísticas todos os anos é assustador e preocupante; percebe-se que a escola e a família nem sempre têm alcançado bons resultados na formação do sujeito, o que se reflete no seu comportamento social. Para Farias *et al.* (2014), o conhecimento e os diferentes saberes construídos e trabalhados dentro de uma dinâmica social têm um poder transformador e de diálogo dentro do aspecto humanizador, tão necessário a todos.

Sem uma educação humanística de verdade é muito difícil romper e superar processos desumanizantes, pois a função da educação é humanizar, e se a mesma tem falhas, o que acontece é uma formação comprometida e superficial. Isso implica que a sociedade caminha a passos largos para o caos social. Nesse sentido, Freire (1996) explica que o espaço familiar e o pedagógico são excelentes para consolidar o processo de humanização. Uma prática que deve ser cotidiana, permanente e contínua, mesmo em meio a tantos desafios e situações adversas a serem enfrentados quotidianamente.

Por isso, vale sempre apostar na educação como uma real possibilidade de suscitar o processo de humanização; ou seja, educar é promover a resiliência frente ao outro, principalmente em um mundo capitalista e globalizado, onde o egoísmo e o individualismo são praticados com tanta frequência. Um ser humano não pode, em hipótese alguma, perder a essência de humanidade.

De acordo com Freire (1996), a educação humanizadora só se constrói de fato quando é vencida e superada a ideologia de uma escola tradicional e transmissora de conteúdos didáticos. Uma prática pedagógica ainda muito impregnada no dia a dia de muitas escolas é o da pedagogia tradicional, que teve seu início no século XIX, passou com grande força para o século XX e suas raízes ainda perduram no século XXI. Segundo Gôngora (1985), esse tipo de pedagogia consistia em um caminho cultural em direção ao saber mecânico e superficial. Assim, não eram priorizadas as questões emocionais e humanísticas do sujeito, pontos-chave que a educação humanizada traz hoje e que servem de suporte para lutar e superar as

dificuldades para uma aprendizagem muito mais significativa. Seguiu um padrão rigoroso de ensino mecanizado, sem dar o verdadeiro valor para uma aprendizagem ampla, crítica e significativa, onde fossem prioridades a afetividade, os valores, os conceitos e os princípios morais. Assim, Freire (1982) acrescenta que o maior desafio não é transmitir conteúdos escolares, é sobretudo o de se tornar um educador brilhante, que deixa um legado de mestre para o aluno, para a comunidade escolar, para a sociedade em geral e para si mesmo.

Morin (2002) ressalta que a educação só pode ser viável e construtiva se for uma educação integral do ser humano, uma educação que se dirige à totalidade, aberta para o caráter, para a afetividade e para a fraternidade, e não apenas para os componentes curriculares.

Parafraseando a Gadotti (1995), a educação humanizadora é muito pertinente pois, segundo o educador, ela deixa um legado de vida, com sentido e significado, que marcará positivamente a vida do sujeito. A educação se faz sobretudo com histórias de vida, de maneira que é imprescindível inserir no contexto escolar a ternura, a doçura, o carisma, a coerência, o compromisso, a seriedade e a afetividade. Palavras e expressões que precisam sair do papel e se converter em ações concretas dentro da prática docente, que irá se refletir positivamente dentro e fora da escola.

Freire tem sido um destaque na educação humanizadora pelas suas contribuições nessa área, além de deixar o legado de sua própria vida, pois é considerado um dos maiores educadores do século XX. Gadotti (1996) explica que a educação humanizadora é uma aprendizagem que não começa no educando e sim no docente, de maneira que é imprescindível que ele aprenda a agir, pensar e articular suas ações, humanamente falando. É incumbência da família em primeira instância e da escola em um segundo momento, ajudar filhos e alunos a tornarem-se cada vez mais humanos, uma vez que a educação escolar e a familiar devem acontecer de forma harmoniosa e conjunta.

Para Fagundes (2009), a proatividade e a ética são dois elementos essenciais no quesito educação humanizadora, pois esses processos são perfeitamente capazes de transformar a realidade social. Nessa perspectiva, parafraseando a Brandão (2002), a educação é a chave para abrir as portas da mente e do coração e para apontar horizontes de construção partilhada de sociedades mais humanizadas; ou seja, é necessário educar não só por meio dos conteúdos didáticos, mas também educar nossas emoções e sensações (BRANDÃO, 2002).

Sem uma educação humanística de verdade é muito difícil romper e superar processos desumanizantes; muitos deles necessitam de ações e intervenções dentro de cada

especificidade. A formação genética do sujeito traz importantes informações dentro do seu DNA; para Abraham Maslow (1954), todos os seres humanos nascem com um senso nato de valores pessoais positivos e negativos, tais como justiça, honestidade, verdade e outros. Por sua vez, tem sido cada vez mais perceptível que a maldade do ser humano vem brotando desde muito cedo no comportamento, nas ações e na fala desde a educação infantil. Assim, a educação humanizadora começa pelos nossos primeiros educadores, a família, e segue pela instituição escolar. Para Kardec (1991), pedagogo francês, a educação, se for bem compreendida, enxergada de fato como deve ser, será a chave do progresso moral, social, pessoal e espiritual do indivíduo. Para tanto, é preciso conhecer a arte de educar em todos os aspectos, e tal arte exige muito tato e visão, experiência e observação. Assim, surge um grave problema — muito comum no processo de educação humanizada —, que é a questão da miopia docente, na qual muitos estacionam e não conseguem enxergar a necessidade de se trabalhar com o coração ao invés de usar só a razão e a inteligência. O professor míope é aquele que dificulta a sua própria ação docente, não intervindo dentro da realidade, ação tão necessária às intervenções (FREIRE, 2001).

Nesse contexto, podemos concluir que a educação como processo de humanização pode ser considerada como um ato de transformar, a curto ou a longo prazo. Ela não acontece do dia para noite, exige tempo para que os primeiros frutos sejam notados. Assim, não pode ser vista apenas como um instrumento construtor da civilidade, da intelectualidade, da cortesia. Deve ser vista sobretudo como um instrumento interventor do eu emocional, com competências e habilidades desenvolvidas dentro dessa especificidade. Freire (2005) diz que a educação dentro da dimensão humanista é aquela que resulta de um trabalho de muitos esforços, de criação e de recriação; em outras palavras, é um trabalho de doação. Para o autor (FREIRE, 2001), o conhecimento é a capacidade de criar, de se inventar e reinventar, de se aprender. A educação é sempre uma profunda interação, necessária a todos. Nesse sentido, a educação humanizadora deve ser compreendida como uma instrumentalização da mudança em vários aspectos. Por outro lado, a desumanização tem “deseducado”, oprimido e alienado o sujeito. E como prova disso, tem-se visto o desafeto e o desamor entre os indivíduos.

Parafraseando a Freire (1988), educação humanizadora é sempre sinônimo de liberdade e nunca de opressão. Ao analisar a palavra educação podemos verificar em sua origem etimológica que ela é rica em significados distintos, como o ato de criar, nutrir, orientar, ensinar, treinar. E todos esses verbos aqui empregados devem ser direcionados para as questões da resiliência com o próximo, a fraternidade e a afetividade social. Princípios e

valores que têm sido escassos na atualidade e que são de grande peso na construção e na formação do sujeito.

Freire (2005) aponta a humanização como um horizonte de inúmeras possibilidades, com o intuito de formar um sujeito cada vez mais resiliente, solidário e afetivo consigo mesmo e com os outros. Em concordância com isso, Morin (2002) destaca que a educação é instrumento de socialização e de interação, que possui a capacidade de nos tornar melhores e mais felizes. É também um recurso para tornar a vida humana menos prosaica e mais poética.

Para melhor fundamentar o tema, Zitkoski (2006) explica que o trabalho educativo é sempre intencional. Assim, para humanizar é preciso ser estrategista, característica importantíssima para a transformação dos cidadãos e da sua história.

Freire (1982) poeticamente descreve a educação como uma relação de interação entre pessoas, ou seja, como um ato de amor, de coragem, que se fundamenta e se nutre no diálogo, na discussão. Conforme afirma Bakhtin (1981 apud SOERENSEN, 2009), dar voz e ouvir o outro constitui-se necessariamente em dialogar, um ato totalmente benéfico que consiste na troca de ideias. Lamentavelmente tem se percebido que a educação dos dias atuais não tem estimulado esse diálogo, o que tem impedido a transformação das muitas realidades sociais no Brasil e no mundo. Mas é possível construir uma educação com diálogo recíproco entre Estado, escola e família; a educação dialógica é sempre uma via de mão-dupla.

Ao observar o outro lado da moeda, Freire (1994) mostra a educação como um ato político, isto é, uma ação que não funciona sozinha, mas que depende de inúmeras circunstâncias para funcionar com exatidão. Nessa perspectiva, Freire quer dizer que muitos que estão na educação, fazendo educação todos os dias, ainda não compreenderam ou se negam a compreender a real a finalidade do processo educativo.

Ao falar de política e educação, dois processos que ocorrem de forma simultânea, Costa (2008) explica que educar é um ato político, porque tanto a política quanto a educação estão a serviço de todos, ou pelo menos deveriam estar. As desigualdades sociais existentes no Brasil e no mundo têm excluído muitas crianças, adolescentes e jovens do espaço escolar. Como foi registrado através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, são mais de 2 milhões de crianças e adolescentes no país que estão fora da escola — o equivalente a 5% dos indivíduos nessa faixa etária. Tais dados mostram uma triste realidade social, que requer uma série de intervenções.

A humanização é essencial dentro do processo educacional e deve acontecer em sua totalidade; é imprescindível que esses dois processos, a educação escolar e a familiar, caminhem lado a lado, principalmente nesta sociedade com tantos pontos a serem corrigidos.

A visão de Freire nos mostra que “ninguém educa sozinho, todos educamos no relacionamento” (FREIRE apud GANDIN, 1997, p. 94). Isso significa que o processo educacional consiste em estabelecer relações e que essas relações são fundamentais para a aprendizagem. Trevisol (2008) é também um dos defensores do processo de humanização. Para ele viver é por si só um ato de humanização. O referido autor ainda enfatiza que o ser humano é um dos grandes desafios da escola; pela sua complexidade, torna o ato de educar humanisticamente difícil, mas possível. E nesse processo, os recursos humanos são os professores que funcionam com instrumentalizadores e facilitadores da humanização. Todo esse processo ocorre inicialmente de forma interna, na consciência. Depois de uma consciência trabalhada e construída, as boas ações serão fruto do trabalho gradualmente desenvolvido.

Para Bazzara (2006), a humanização acontece pela conquista do indivíduo pelo professor. Um processo delicado que exige cautela e sabedoria. Porque ensinar meros conteúdos didáticos pode ser fácil; todavia, educar emoções e sentimentos é sempre uma ação desafiadora. Bazzara (2006) aborda uma questão importante sobre a educação humanizadora; ela não acontece de forma forçada e sim naturalmente. Acima de tudo, o sujeito precisa estar disposto a se educar humanamente. Quando o sujeito se recusa a aceitar esse processo, forçá-lo não trará os resultados esperados e desejados.

A educação humanizada tem encontrado inúmeros obstáculos pelo caminho. Os estudos de Gadotti (2016) alertam sobre dois principais obstáculos; o primeiro deles é o mercado capitalista, que torna o homem ganancioso e etnocêntrico; em busca do poder que o dinheiro é capaz de ofertar, passa por cima de princípios e do código de ética. Outro é a expansão e exploração tecnológica no mundo globalizado e capitalista. Deixa muitas pessoas insensíveis frente a si mesmas e frente aos outros, longe do calor humano e do diálogo, pois muitas se isolam dentro desse universo virtual perigoso — muitas vezes destrutivo.

Vivemos uma época de muitas transformações, com inúmeras inovações e avanços em todas as áreas, acontecimentos esses que têm separado as pessoas umas das outras. A educação possui desafios instigantes e ao mesmo tempo gigantes. Assim, escola e família, família e escola precisam trabalhar harmonicamente para promover uma educação com sentido e com significado, uma vez que o ser humano é um sujeito que aprende, evolui e se constrói permanente e continuamente. De acordo com Parolin (2010), ao analisarmos a história da humanidade, a família aparece como uma das protagonistas na formação da sociedade; assim, a família é o núcleo constitutivo do sujeito, é um sistema que une as pessoas

e, em parceria com a escola — a nossa segunda família —, faz o processo educativo fluir melhor e de forma exitosa.

Segundo Morin (2002), a educação é um dos fatores determinantes para a autoformação da pessoa; de forma simplificada, ela se refere ao ato de aprender a viver, se refere à educação emocional — em que é necessário saber lidar com os sentimentos humanos — que produz um ser equilibrado mental, espiritual e fisicamente. Por último, Morin (2002) fala da necessidade da construção da identidade nacional e pessoal do sujeito. Para tal construção é imprescindível que seja trabalhada a educação emocional aliada à educação humanizada.

Constituir um cidadão é formar um sujeito com solidariedade e responsabilidade social; tanto a solidariedade quanto a responsabilidade permeiam aspectos morais, éticos do sujeito, o que torna a presença da educação humanizadora indispensável em todo esse processo.

A educação se constrói por meio da credibilidade e da confiança. Assim, Bazzara (2006) enfatiza que humanizar o ser humano é acreditar na sua essência, que deve ser cuidadosamente trabalhada e explorada. Para Bazzara, a educação humanizadora é o mesmo que inteligência emocional, o ato da sensibilidade, da solidariedade e da ternura, pontos-chave que não podem ser esquecidos dentro da essência da humanidade.

Ao retomar o que diz Morin (2002) sobre a humanização do sujeito, compreende-se que humanizar é o mesmo que acolher, tornar o humano mais humano. Infelizmente muitas famílias, pais, escolas têm falhado nessa importante construção, pois não têm a habilidade e o domínio para educar seus filhos e alunos com acolhimento, alegria, segurança e amor. Recebem-nos muitas vezes de forma fria e seca. A escola precisa ser referência de esperança, amor, aconchego e confiança. Afinal de contas, a humanização ocorre por meio de todas essas importantes ações. Dessa forma, a educação emocional e humanizadora é um grande desafio na atualidade e sem ela não se pode consolidar um desenvolvimento integral do sujeito.

O tema humanização está intimamente relacionado como o sentimento de amar. Esse termo é tão expressivo que Silva (1999, p. 27) afirma que o amor é a “razão de ser maior de nossa existência”. Quando se trata de educação, não se educa sem exercitar o amor. Assim, humanização é o princípio do amor, e tal princípio é essencial na construção do sujeito, papel que lhe cabe à família e à escola. Mendonça (2008) explica que a educação humanizadora recebeu influência de três vertentes do humanismo: o humanismo existencialista, o humanismo cristão e o humanismo marxista. Três importantes correntes que impactaram muito na necessidade de se implantar uma educação humanizada.

Freire ressalta ainda que os seres humanos têm plena consciência de si e do mundo, daí surge a necessidade de se educar e reeducar tal consciência, tarefa essa que não é fácil (FREIRE, 1982). Mendonça (2008) comenta que o ser humano é um ser em construção e encontra-se sempre inacabado. Assim, entram a escola e a família como agentes dessa importante construção. Gadotti (1996) expõe que a educação visa a libertação, e se não consegue libertar, não cumpre o seu próprio papel.

A humanização educacional deve permitir uma leitura crítica do mundo e enfrentar essa nova realidade social, econômica e política que exige garra, determinação e força (GADOTTI, 1996).

3 Humanização e desumanização

Freire (1969) aponta que o caminho para a existência humana é a humanização. E se a escola e a família não conseguem alcançar esse desenvolvimento, ambas pecam de forma intensa na construção do sujeito.

Os indivíduos desumanizados se comportam de forma egoísta e egocêntrica, visando apenas seus próprios interesses. De forma simplificada, o humanismo educacional consiste na tomada de consciência plena da humanidade, condição de enxergar o outro com um olhar de afetividade e de fraternidade (FREIRE, 2005).

Isso quer dizer que os seres humanos vivem em processo constante de humanização, expressada por meio do carinho, da afetividade e solidariedade com o eu e com o outro. Seres desumanizados não possuem consciência voltada para auxiliar o outro e não conseguem enxergar o outro com os olhos e com o coração.

Dessa forma, o objetivo central do processo educativo que visa a humanização do ser humano é a promoção de uma consciência crítica capaz de pensar em si e nos outros e também de agir em favor de si e dos outros, visando a transformação da realidade. Sabe-se que a promoção dessa consciência crítica acontece no processo de conscientização e diálogo, desafios gigantescos dentro da educação na atualidade. Lima (2006) fala da necessidade de uma escola e de uma sociedade inclusivas. Na atualidade, a educação é excludente e, conseqüentemente, a sociedade também.

Ao falar da construção de uma educação humanizadora, muitas ações e intervenções devem ser realizadas em prol dessa conquista. A educação deve ser vista como um todo e nunca em partes isoladas, como muitos de forma errônea a têm assumido. Isso quer dizer que

educação é sinônimo de pluralidade e deve ser trabalhada em todas as suas particularidades e especificidades.

A escola deve estar preparada para trabalhar a afetividade e estimular os princípios de humanização, não apenas em teorias — tão distantes da realidade dos indivíduos —, e sim em forma de ações, projetos reais que estimulem tais princípios, valores e conceitos. Nesse sentido Imbernon (2000) diz que a força educativa consegue atingir a mudança social e pessoal e que educar humanamente é constituir um sujeito emocionalmente equilibrado, que se compadece da dor do outro e enxerga o outro com um olhar terno e afetivo.

4 Considerações finais

Os seres humanos são indivíduos inacabados que vivem em um processo de busca contínua e de autossuficiência, ou seja, os seres humanos querem ser mais. A história nos mostra que, por vários motivos, a educação tradicional nunca priorizou a alfabetização das emoções e das sensações humanas.

Diante de tudo isso se torna um desafio enorme para os educadores e famílias a responsabilidade de atentar-se para essa realidade e necessidade, que é o ato de educar emocionalmente o sujeito.

A prática pedagógica humanizada pode ser possível no cotidiano docente desde que haja ações e intervenções bem planejadas e arquitetadas que priorizem a construção do eu e do outro de forma simultânea.

A concepção de reconhecimento do eu e do outro é de suma importância para a formação integral do ser humano. E tudo isso se constrói por meio do desenvolvimento dialógico, uma das principais etapas do processo de humanização. Além de ser necessária uma metodologia de ensino e aprendizagem alicerçada dentro da humanidade, da moral, da ética, do respeito mútuo e da afetividade.

A educação só será de fato uma educação completa e integralizadora quando gerar nos seres humanos a capacidade de amar e respeitar o outro. Um indivíduo autoconsciente é avaliador de si mesmo, é responsável. A educação humanizadora é algo real e possível, mesmo em tempos difíceis.

Uma nova educação precisa ser implantada, que não vise apenas a construção de conhecimentos científicos, mas que esteja alicerçada na ética, na moral e na afetividade.

Por séculos, a educação tradicional pregou a construção do conhecimento científico, onde era de obrigatoriedade trabalhar o cérebro, a razão, a memória e se esquecia, ou não se

priorizava, a educação emocional e humanística. Uma fundamental área que valoriza o homem com seus sentimentos, emoções e recordações, que ficarão mais intensos se forem trabalhados e desenvolvidos.

A educação humanizada é a semente da grandiosidade, do amor e do acreditar no ser humano. Pelo seu poder transformador é possível amenizar os problemas pois produz seres humanos mais humanizados e humanizadores, que serão multiplicadores da solidariedade, da justiça, do amor e do respeito pelas diferenças.

Por último, em resposta ao objetivo inicial e à situação-problema aqui proposta, conclui-se que o objetivo foi atingido, pois a partir desta discussão foi possível refletir sobre a temática, desconstruindo a visão preconceituosa sobre a educação humanizadora.

É imprescindível que a educação em todas as suas instâncias e modalidades seja construída dentro de uma base afetiva e humana. Assim, é possível amenizar as muitas realidades sociais. Como sugestão, indica-se que novos estudos sejam realizados dentro dessa importante temática, para que sejam aprofundados outros aspectos relacionados com ela.

Referências

SOERENSEN, Claudiana. A profusão temática em Mikhail Bakhtin: dialogismo, polifonia e carnavalização. **Travessias**, Cascavel-PR, v. 3, n. 1, 2009.

BRAGA, Maria Margarete Sampaio. **Prática pedagógica docente-discente**: traços da pedagogia de Paulo Freire na sala de aula. Recife: Editora UFPE, 2015.

BAZARRA, Lourdes. **Ser professor e dirigir professores em tempos de mudanças**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRANDÃO, C. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COSTA, D. Política. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 325-327.

FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. Universidade e Projeto Político-Pedagógico: diálogos possíveis fomentando formações emancipatórias. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo- RS, 2009.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2014.

FREIRE, Paulo. O papel da educação na humanização. **Revista Paz e Terra**, São Paulo, ano IV, n. 9, p. 123-132, out. 1969.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisas alternativas: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 34-41.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 10. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. *In*: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**. Uma biobibliografia. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 1996.

GADOTTI, Moacir. Educação popular e educação ao longo da vida. Brasília: MEC/Secadi, 2016. (Coletânea de Textos - Confinte Brasil +6).

GANDIN D. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo, 1997.

GÔNGORA Francisco Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

IMBERNON F. **A educação no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**: filosofia espiritualista. 51. ed. São Paulo: Lake, 1991.

LIMA, L. C. **O controle do imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MASLOW, Abraham H. **Motivations and personality**. Nova York: Harper & Row, 1954.

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. **Pedagogia da humanização**. A pedagogia humanista de Paulo Freire. São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2002.

PAROLIN, I. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. São José do Campo-SP: Pulso Editorial, 2010.

RABAGLIO, Maria Odete. **Gestão por competência**: ferramentas para atração e captação de talentos humanos. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

SILVA M. A. D. **Quem ama não adocece**: o papel das emoções na prevenção e cura das doenças. São Paulo: Best Seller, 1999.

TOGNETTA, L. R. P. A educação dos sentimentos e a moralidade infantil. ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DO PROEPRE, 19., 2002, Campinas. **Anais** [...]. Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp, 2002. Tema: Construtivismo e Formação de Professores. p. 73-81.

TREVISOL, J. A. **Educação ambiental em uma sociedade de risco**: tarefas e desafios na construção da sustentabilidade. Santa Catarina: UNOESC, 2008.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.